

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.
com estampilha..... 600 rs.
Fóra do reino accresce o porte do correio.

Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Séde da imprensa
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

O POVO D'OVAR

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60sr.
a linha.
Annuncios e communicados, a 50 rs. a
linha.
Repetições..... 25 rs. a linha
Annuncios permanentes 5 *
Folha avulso..... 40 reis

OS DESPERDICIOS

Está inveterado nos nossos usos e costumes o systema de gastar á larga, sem a minima preocupação com o estado de penuria do thesouro, ou com os mais rudimentares principios da legalidade.

Tudo se tolera aos governos, ainda a corrupção em larga escala; e isto porque não ha acto por escandaloso, que não encontre um antecedente a justificá-lo.

E' uma vergonha, todos o affirmam. Cada ministro, que entra, promete vida nova; mas, passados tempos, ao analysar-se a sua gerencia financeira, encontram-se os mesmos abusos.

Se apparecem reformas, são ellas, com pequenas excepções, para esmagar com onus o thesouro e pagar aos compadres politicos, aos agentes da galopinagem eleitoral os seus serviços.

Assim viemos correndo durante annos e annos de vida constitucional, dissipando como loucos os fructos do nosso credito. Era por certo uma imprevidencia criminosa, de que não pôde ser accusado o povo a não ser pelo seu indifferentismo para com a politica e os politicos. Porém essa dissipação tornou-se um crime depois que no paiz se abriu a crise economica e financeira, que ainda hoje nos assoberba.

Cumpria a todos encararem a sério as desgraçadas circumstancias da nação a não exigir mais do que o strictamento necessario. Cumpria a todos sacrificarem, regenerarem-se, para entrarmos em restabelecimento. Mas não, o desperdicio está enraizado no fundo do nosso ser, e apparece a publico de diferentes fórmulas e com diferentes nomes.

As festas e viajatas reaes scandalisam o povo, acirrando os odios contra a monarchia.

O verão tem sido para os nossos reis uma série de festas. E pensam elles ingenuamente, que, atravessando por meio do povo ouvindo constante vivas, conquistam para a sua causa muitos adeptos, levantam o seu partido da apathia em que cahiu.

Puro erro. Não sabem os reis que os vivas, a maior parte das vezes, significam apenas o emprego de certo capital que officialmente foi distribuido: o cumprimento de uma obrigação imposta aos empregados publicos pelos seus superiores; e a vaidade de meia duzia, que procura a viva força conquistar um titulo que lhe encubra os callos das mãos e a sua origem plebea.

Mas para além d'esses poucos, que de nada valem n'um momento de perigo para as institui-

ções vigentes, fica a parte trabalhadora do paiz, aquella que imprime todo o grande movimento ás industrias e ao commercio. E ao ouvir os vivas perguntará indifferente o que significam, que acto da realza se tornou sufficientemente digno de saudações estrondosas, como as que o governo projecta na vinda de suas magestades ao Porto. E desde então começa se a calcular quanto custam ao thesouro as festas e a viagem: compara-se as nossas desgraçadas circumstancias financeiras com os constantes desperdicios; e tendo isso nada mais faz do que augmentar o desprestigio da realza, conquistando para os seus adversarios novos adeptos.

Demais a viagem ao norte não passa d'um erro politico, que talvez possa sujeitar o rei a dis-sabores. O norte, o mais que poderá fazer, é mostrar-se polido, mas frio. Ainda não vae muito longe a revolta de 31 de janeiro e as alçadas de Leixões. Esses factos gravaram no animo do povo marcas indeleveis, que só tarde e bem tarde se apagarão.

Mal chega o dinheiro, se é que não mentem as indicações officiaes, para fazer o pagamento do coupon de janeiro, e já apparece a nota de varios desperdicios.

Para nos darmos ares de grandes senhores subsidiámos o theatro de S. Carlos de Lisboa com 25 contos de réis annualmente: Isto porque meia duzia de individuos e a côrte não possam deixar de ouvir cantores de *primo cartelo*.

Semelhante absurdo não tem explicação possivel, porque, quem quer gosar, pague. O paiz não tem obrigação alguma de subsidiar um theatro d'onde não tira resultado algum.

Mas afóra isto descobre-se á ultima hora que o ministerio gastou mais com a illuminação do mesmo theatro 144 contos nos ultimos cinco annos. Qual a verba do orçamento em que se ache auctorizada semelhante despeza? Ninguém o sabe; e com tudo o dinheiro sahia dos cofres publicos, e nenhum dinheiro pôde sair sem ser devidamente processadas as folhas, e estas não podem ser processadas sem haver verba no orçamento?

Comtudo por artes maravilhosas, as mesmas que se usam para arrancar dinheiro applicado a festejos, o dinheiro da nação desaparece, filtra-se pelos intersticios legaes, e o *deficit* avulta, cresce d'um modo prodigioso.

Vem á luz estes escandalos monumentaes, e os ministros que os auctorisaram não teem responsabilidade alguma effectiva!

Gastam-se rios de dinheiro com o exercito e coisas d'Africa.

Todos sabem que o exercito figura no papel e que os fornecimentos de generos, as armas e munições mal chegam ao seu destino.

Sabe-se isto, mas tudo fica na mesma. E' um desleixo completo, é um desperdicio constante.

D'antes tudo se desculpava ninguem sabia o que se passava n'aquelles nossos dominios; e os ministros, embrulhados nas secretarias, onde a verdade se falseia a cada momento e ignorando o mais rudimentar eleuco da administração colonial, crusavam os braços, sem poder impedir que se fizessem os cambalachos dos variados syndicatos.

Hoje, porém, ja as circumstancias não são as mesmas. Foi o sr. Marianno de Carvalho á Africa e viu lá com os seus proprios olhos as faltas e os innumeros abusos. No seu relatorio ha muito que estudar e muito que cumprir. Indicou alli algumas medidas para se pôr cobro a grandes escandalos. Porque se não decretam essas medidas? porque continúa a Africa no mesmo abandono de ha muitos annos, servindo apenas para beneficiar amigos com as concessões e para collocar amigos nos empregos?

E' que nos nossos usos e costumes está inveterado o systema de transigir com todos os abusos e manter todos os desperdicios.

POR AHI

A eleição de Lisboa

A eleição da camara municipal de Lisboa tirou o partido progressista da sua calculada reserva para com o governo.

O «Correio da Noite», atira-se agora ao sr. Marianno de Carvalho desesperadamente sem sangue frio. Já falla no seu passado politico, o que não é de bom agouro.

O peor é que o «Correio» não tem só contra si o «Popular»; por detraz d'este ficam as «Novidades», quer dizer o mesmo que o sr. Marianno de Carvalho e Emygdio Navarro, as duas melhores cabeças do partido progressista.

Sem elles para onde irá o sr. José Luciano?

E' facil de vêr que a eleição de Lisboa será uma derrota monumental para os progressistas, a menos que se não alliem aos republicanos; mas então adeus governo por uma vez.

Bem melhor faria o partido progressista se se tivesse mantido na reserva. Deixasse lá correligionarios irrequietos que pediam guerra.

O governo mandou agora sustar o abono de passagens gratuitas para a Africa, até que recebesse dos governadores um relatorio a respeito do modo como se achavam empregados os emigrantes, que para lá haviam ido.

E' esta medida bem acertada. Embora alguns jornaes a ataquem é certo que foram esses mesmos jornaes que verberavam o favorecer a emigração para a Africa sem previamente preparar para os colonos uma situação regular e proveitosa. Affirmavam que com o augmento anormal e repentino de emigrantes estes não encontrariam collocação, ficariam na miseria, d'onde resultava um movimento de propaganda contra as nossas colonias, que lhes emperecia o futuro.

Foi por estes fundamentos que o ministro deu taes ordens.

Ninguém pôde contentar os politicos. O faccicismo arremessa-os ás mais disparatadas contradicções.

As «Novidades» descobriram uns *arranjos* do «Seculo» com a camara municipal de Lisboa.

Questões d'uns arrendamentos e compostura de casas d'onde a gente do jornal republicano tirou uns bons contos de réis.

Que o «Seculo» não é ha muito quem parece—todos o sabem. Denunciou-se bem no periodo do terror apóz a revolução de janeiro, quando todos os outros jornaes republicanos atacaram com vivo ardor o governo. Então o «Seculo», para não ser suspenso, pôz-se de capa, muito sériozinho, nem de bem nem de mal com o governo.

Agora vê-se que não despreza a occasião de se governar.

Oh! o partido republicano já dá conesias e se não que o digam alguns dos *moderados*, que esperam o advento da republica pela... evolução.

Novidades

Festividade.—Domingo teve logar n'esta villa a festividade em honra de S. Miguel.

Já no sabbado á noute esteve bastante concorrido o arraial, em que tocou até alta hora a philarmónica Boa-União, queimando-se muito fogo de vistas.

No domingo pela manhã, depois da missa solemne sahio a procissão, até ao largo da Poça; e á tarde começou o arraial ás 4 horas durando até de noute.

Estavam o largo e capella vistosamente adornados.

Selvagens.—No domingo, á noute, seriam pouco mais ou menos 8 horas, foram despedaçado os vidros da janella do escriptorio do sr. dr. Eduardo Augusto Chaves, advogado n'esta villa.

A familia da casa e outros cavalheiros, que lá estavam, ainda viram um vulto a retirar-se d'aquellas immediações, após o attentado, mas não o puderam conhecer.

Foi o caso participado ao poder judicial que mandou proceder ao competente exame directo.

Vê-se que o espirito de selvagismo está inveterado nos habitos da nossa gente.

Continuem que vão bem. E igualmente vão bem os que, mais illustrados, defendem e até applaudem os garotos que assim procedem. No futuro lhes tirarão os fructos.

Policiaes.—Chegou no sabbado passado, a requisição da auctoridade administrativa um troço de dez policiaes civis.

Estes policiaes teem prestado um excellentes serviço. Logo no domingo, pela manhã apresentaram-se no mercado, impedindo que os atravessadores assambarcassem os generos antes do povo fazer as suas compras; facilitaram o troco das notas, pois, principalmente as vendedoras do milho costumavam fazer um preço a este genero quando era pago em notas e outro quando era pago em metal; fazem cumprir as posturas municipaes, impondo as respectivas multas, o que até agora ninguem fez; impedem que pelas ruas, de dia, passem carros de escasso.

Barco em perigo.—Domingo á tarde quando as companhias da pesca do Furadouro deitavam os barcos ao mar, esteve em grave risco um dos barcos da companhia de Saude.

Uma lingueta do mar arrancou-o das mãos dos pescadores, e levando-o para a cova, no ponto em que as ondas batem contra a praia, quasi o virava. Os poucos homens que já estava no barco atiraram-se ao mar uns, e outros que se conservaram dentro andaram aos tombos, maguando-se bastante. Em grave risco esteve um dos homens que se atirou á agua, porque a corrente arrastou-o para o largo.

Vae mal a *safra*. Muito perigo, principalmente por a costa estar alcantilada, e muito pouco lucro. Demais o estado da costa não permite que se salve sardinha se vier nos saccos uma quantidade rasoavel.

Furadouro.—Continua a debandada. Já poucas familias estão na praia.

Com excepção do domingo não tem havido pesca por o mar ser bravo. No domingo ainda uma das companhias fez de lança réis 300\$000 e outra 200\$000.

Sahida.—Retirou-se na quarta-feira para a comarca de Ancião, onde é delegado, o nosso patricio e amigo dr. José d'Almeida Pereira Zagallo.

A GUERRA

A guerra! sempre a guerra! o monstro ensanguentado
Que leva após si a fome, o luto, o horror!
Qual é mais infeliz, ou qual é mais culpado:
Osman pachá vencido, ou czar, o vencedor!

Qual foi que ao holocausto, ao matadouro humano,
Mais victimas levou, mais sangue fez correr?
Qual foi o mais cruel? qual foi o mais tyranno?
Qual deu ao seu paiz mais fundo padecer?

Vampiro das nações, a guerra insaciavel
Attráe o povo á morte! e o povo corre e vae
Em louca aspiração, famélico, indomavel,
Abrir aos pés o abysmo, e n'esse abysmo cáe!

Seja Turquia ou Russia, ou França ou Allemanha,
Seja qual fôr o idioma, a côr do pavilhão,
Ha só uma familia a todo o odio estranha,
Porque no mundo todo ha só uma nação:

Chama-se *humanidade!* Igual no territorio,
Igual no seu direito, e tendo a mesma lei,
—A lei da caridade,—o bom e o meritorio
É quanto apraz dos reis ao invencivel Rei!

Guerreiros, não mais lucta! á dolorosa scena
Succedam sem delonga as radiações da paz.
Aos lares regressae, abandonae a arena...
Em sangue derramar quem é que se compraz?...!

Longe a homicida espada! os vigorosos braços
Voltem á sciencia, á arte, ao placido labor.
Da familia saudosa ide estreitar os laços;
Trocae hymnos de guerra em canticos de amor!

D. M. A. de Andrade.

Creança envenenada.

—Na segunda-feira, morreu envenenada uma creança, filha de Anna de Jesus e Antonio Marques d'Alegria, da Corga do Norte, da freguezia de Vallega.

No domingo a mãe havia dissolvido em uma caneca de barro uma porção d'arsenico e guardara-o na cantareira escondido por detraz dos potes da agua. O arsenico assim dissolvido era applicado a limpar a cabeça e segundo nos consta, é isso vulgar na freguezia de Vallega.

A pequena bebeu d'um só trago o conteúdo da caneca, suppondo que tinha apenas agua. A mãe que havia então sahido, mal voltou viu a filha encommodada e interrogando-a soube o que se tinha dado. Afflicta, correu á pharmacia da freguezia, onde á nvenenada foram dados alguns vomitorios que já não produziram effeito algum, visto que o veneno tinha logo sido absorvido.

A auctoridade administractiva participou o caso ao poder judicial, e n'esse mesmo dia se procedeu á respectiva autopsia sendo as víceras recolhidas e enviadas para o laboratorio chimico do Porto.

Não resta a menor duvida de que a mãe da creança não teve responsabilidade no facto. Basta a afflicção da pobre mulher, para a castigar de sobejo pela imprudencia de deixar um veneno tão violento ao alcance da creança. Mas é tambem preciso attender, a que estes casos de envenenamentos se vão repetindo em Vallega com frequencia. Vê-se que allí ha em quasi todas as casas arsenico que ora applicam á limpeza da cabeça, ora applicam aos ratos. D'onde vem esse arsenico, se as pharmacias estão prohibidas de o vender sem receita de medico?

Diz-se por ahí que nas feiras e praças, incluindo a d'Ovar, se vende á vontade, não comprando quem não quer.

Talvez não fosse mau investigar isso para castigar os vendedores de tal substancia.

Parece-nos que isso é das attribuições da autoridade administractiva.

Feira dos campos.

Vem ahí o tempo da feira do gado suino.

Todos concordam em que o largo dos Campos é acanhadissimo para se realizar ahí a feira. A camara tem ao seu dispor o extensissimo largo do Martyr S. Sebastião. Porque não transfere para lá a feira? Se é por simples caturrice bem mal faz porque os interesses e progresso de uma villa e concelho não podem estar á merce dos caprichos de dois ou tres.

Agiotas.—Todos os individuos collectados n'este concelho como agiotes levaram recursos para o tribunal administrativo d'Aveiro do despacho da junta, que indeferiu as suas reclamações.

A Estação.—Jornal illustrado de modas para as familias.

Publicou-se o numero de 1 de outubro.

Correio da moda:

Gravuras: Paletó meio comprido—Paletó comprido «ulster»—Galão com canto para tapete—Semeado para tapete—Tapete hungaro com bordado aberto—Modelo para tapetes, guardanapos, etc.—Bordado serbio—Cadeira de couro recortado e pintado—Ornamento com festão para aventaes—Vestido com blusa para meninas—Avental blusa com pala—Avental com corpinho pa-

ra meninas—Avental para meninas—Capota e véo de renda colarinho de pennas—Vestido com cinto em ponta para meninas—Vestido em prégas para meninas Vestido (corpinho de baixo e blusa) para meninas—Capota de filó—Corpinho guarnecido de rendas—Capa com romeira meio com prida—Vestido com jaqueta e collete bordado—Vestido com jaqueta e collete apanhado—Vestido com corrediça de fita—Vestido guarnecido de folhos—Vestido ornado de renda—Vestido á princeza—Capa meio comprida—Touca para meninas—Cercadura bordado ligeiro—Vestido abotoado com corrediça e fita—Vestido á princeza com collete—Bordado a froco para almofada—Vestido com jaqueta curta—Capa com corpo curto para creanças—Vestido elegante para mocinhas—Chapéu redondo—Vestido com blusa—Chapéu de feltro—Paletó meio comprido com rebuços, etc., etc.

Cem figurino colorido e folha de moldes.

Na Argelia—Medonha tempestade.—Alguns pormenores sobre a medonha tempestade que se fez sentir em Bata.

A chuva cahiu abundantemente desde as 3 ás 9 horas da tarde. A's 5 horas appareceu torrente de dois kilometros de largura descendo uma immensa do norte d'Aurés. Em alguns momentos a aldeia de Négre e os jardins foram invadidos destruido o dique do caminho de ferro e a linha cortada em muitos pontos.

Um grande numero de pessoas que tinha partido ao meio dia para o campo foi surpreendida pela tempestade.

Algunas pessoas poderam salvar-se a tempo e outras foram engulidas pela enorme toalha de agua.

Já foram encontrados seis cadaveres, mas é de suppôr que haja mais victimas.

Uma carruagem que transportava uma familia, foi tambem levada pela corrente; os viajantes e o cocheiro estiveram tres horas refugiados sobre o tejadillo do vehiculo.

Na agua fluctuavam muitos destroços de tendas, o que faz suppôr grandes prejuizos nos «adovars» proximos.

Tambem foram levados pela agua muitas cabeças de gado.

Escandalos de Londres.—Conta o correspondente de Londres para uma grande folha europeia:

Acaba de espalhar-se um singular boato nos circulos aristocraticos.

Na semana passada morria subitamente uma actriz do Gaiety Theatre, miss Lydia Manton, que era mais conhecida pela sua belleza do que pelo seu talento. Em breve se soube que a atriz se suicidara. Hoje, diz-se que ella era protegida do principe Alberto-Victor, filho do principe de Galles e neto da rainha Victoria, e que se suicidára porque sua alteza rompera as relações que com ella mantinha.

Reproduzo com as maiores reservas este boato, que seria talvez lançado na circulação por espiritos maldosos, decididos a desacreditarem por todos os meios o principe de Galles e sua familia.

Mas o facto é, todavia, que,

ao contrario do que costuma praticar-se, o inquerito do coroner sobre os restos de Lydia Manton não foi dado a publico. O Coroner teve o cuidado de excluir a imprensa e de conduzir os trabalhos á porta fechada.

Porque?

Um crime medonho.

—Os periodicos allemães trazem minuciosas descripções d'um crime monstruoso que vem de ser commettido em Berlim.

Uma servçal, de 19 annos, assassinou barbaramente a ama para lhe roubar 500 marcos. Para commetter o crime sujeitou a sua victima a horriveis torturas que denotam uns instinctos verdadeiramente ferinos.

A furia foi presa, confessando o crime com o maior cynismo.

O desfazer d'uma lenda.—A mãe de Boulanger.

—Acreditou-se geralmente, espalhando-se por toda a parte, que a mãe do general Boulanger continuava a ignorar a morte do filho. Ora a velha senhora foi informada da funebre noticia algumas hora depois do suicidio do general.

Apenas ignora os pormenores que precederam este tragico acontecimento. Disseram-lhe que o general fôra acommettido d'uma indisposição subita e que tinha morrido sem recuperar os sentidos. Mademoiselle Griffith, sobrinha do general e M. Barbier, as duas unicas pessoas que não abandonaram ainda a pobre senhora, fazem todos os esforços para a consolar.

As faculdades de Madame Boulanger tem soffrido ultimamente grande alteração e por isso ella supporta muito melhor do que se supunha a desgraça que vem de a ferir.

Litteratura

ORGIA DE NERO

UMA IDÉA INFERNAL

— * —

Aos 19 de julho do anno da graça de 64 incendiava-se Roma com uma extraordinaria violencia.

O fogo comçou do lado do grande Circo contiguo ao monte Palatino e ao monte Celio. N'este bairro havia um grande numero de lojas cheias de combustiveis inflammaveis, onde o fogo se propagou com vertiginosa rapidez.

D'ali cinge todo o Palatino, devasta o Velabro, o Fôro, os Carios, sobe para as collinas, damifica horrivelmente o Palatino torna a descer para os valles, devorando durante seis dias e sete noites bairros inteiros cortados de ruas tortuosas.

Foi consideravel o numero dos mortos; e das quatorze regiões em que se dividia a cidade tres ficaram completamente destruidas, e sete outras reduzidas a muros ennegrecidos.

Roma era uma cidade acanhada, mas d'uma densa população.

O desastre foi horroroso e como este jámais se havia visto igual.

Ao rebentar o incendio, achara-se Nero em Anccio, e só entrou na cidade quando o fogo se

aproximava do seu palacio *transitorio*. Coisa nenhuma foi possivel arrancar ás chammas.

Os palacios do Palatino, o proprio palacio *transitorio*, com suas pertenças, e todo o bairro visinho, foram lambidos pelas chammas. Evidentemente, a Nero pouco se lhe dava que fosse salva a sua residencia. O horrivel sublime do spectaculo extasiava-o.

Ao depois contou-se que subindo a uma torre, havia contemplado o incendio, e que d'ahi, em trajo de theatro, com uma lyra na mão, cantara, em ythmo de elegia antiga, a ruina de Iliion.

Isto era a lenda, fructo do tempo e das exaggerações successivas, mas uma ponte sobre o qual se pronunciou immediatamente a opinião, foi que o fogo havia sido mandado pôr por Nero, ou pelo menos, avivado por elle quando amortecido já.

O que confirmara estas suspeições foi o que aconteceu depois do incendio.

Com o pretexto de limpar as ruinas á sua custa, para dar logar aos proprietarios liberalmente, Nero tão bem se desempenha da empresa das demolições, que prohibe a todos que d'ellas se aproximem. Muito peior foi quando, aproveitando-se das ruinas da patria, se viu o novo palacio de Nero, aquella «Casa de oiro», que havia muito servia de recreio á sua imaginação em delirio, levantar-se sobre o logar da antiga residencia provisoria, occupando grandissimos espaços, que havia deixado desembaraçados o incendio. Toda a gente se convenceu que Nero, ideando este novo palacio, havia ordenado o fogo para assim adquirir os terrenos, justificar a reconstrução que ha muito projectava, arranjar os capitães necessarios, assenhoriando-se das ruinas das chammas, e satisfazer emfim a sua vaidade, que era a ambição que tinha de reedificar Roma, para que ella datasse d'elle, e que elle a podesse chamar Neropolis.

Isto causou grande irritação na gente de bem da cidade.

* * *

As mais preciosas antiguidades de Roma, as casas dos antigos capitães, adornadas ainda de despojos triumphaes, os objectos os mais santos, os tropheus, os exvotos antigos, os templos mais respeitaveis, todo material do velho culto romano havia desapparecido.

A tristeza foi geral. Era como que um luto pelas recordações e lendas da patria.

Fazem-se muitas ceremonias expiatorias; consultam-se os livros da Sibylla, e damas patricios, principalmente, celebram varios piaculos. Mas o que se não apaga é o sentimento secreto d'uma infamia.

* * *

Então ao espirito de Nero vem-lhe uma idéa infernal!

Cogitou se não haveria no mundo quaesquer miseraveis ainda mais detestados do que elle entre a burguezia romana, sobre os quaes podesse fazer receiar o odio do incendio.

E' dos christãos que se lembrou Nero.

Á repugnancia que estes mostravam aos templos e aos edificios mais venerados dos romanos pres-

tava-se vantajosamente a ser aceite a idéa de terem sido elles os auctores d'um incendio cujo effeito havia sido a destruição d'estes sanctuarios. O aspecto triste do christão ao avistar qualquer monumento romano, era aos olhos dos pagãos uma affronta á patria. E Roma era uma cidade demasiado religiosa para que deixasse de ser logo reconhecido todo o individuo protestando contra os cultos nacionaes.

Além d'isso haviam judeus tão rigoristas, que nem mesmo nas moedas com a effigie queriam tocar. Consideravam um crime olhar ou trazer até uma imagem de outro modo a não ser esculpida. Outros recusavam-se a transitar por qualquer porta da cidade que estivesse sobremontada por uma estatua.

Tudo isto provocava zombaria e indisposição da parte do povo. E não contribuiriam tambem para sobre elles ser lançada a accusação tremenda de incendiarios tantos discursos sobre a grande conflagração afinal, as sinistras prophecias que faziam, e essa affectação que o mundo estava proximo a acabar pelo fogo?

*
* *

São presas um certo numero de pessoas das suspeitas de pertencerem á nova seita e apinhadas n'uma enxovia, que já por si só era um supplicio.

A estas primeiras prisões seguiram-se outras numerosissimas. Causou surpresa a multidão de adherentes que haviam recrutado essas doutrinas tenebrosas; d'ellas se fallava com assombro.

A accusação de terem os christãos posto o fogo a Roma não foi tomada a serio por nenhum homem de juizo. A prova produzida foi das mais fraquissimas. «O seu verdadeiro crime—dizem elles—é o odio o genero humano.» Embora persuadidos que o fogo era o crime de Nero, muitos romanos austeros não deixaram de ver n'este trama da policia romana um modo de expurgar a cidade d'uma doutrina pestifera. Tacito e Suetonio assim o suppozeram:

*
* *

O Nero, monstro de incrível torpeza! A nossa penna recusase a contar esses supplicios infligidos aos primeiros christãos. Taes requintes de crueldade nunca se viram.

Quasi todos os christãos encarcerados eram de escoria do povo (*humiliores*). O supplicio d'estes desgraçados, ou se tratasse de lesa-magestade ou de sacrilegio, consistia em ser lançados ás feras on ardidos vivos no amphitheatro.

Um dos caracteristicos mais repugnantes dos costumes romanos era o haver-se feito do supplicio uma festa, um divertimento publico. Os amphitheatros tornavam-se os logares da execução os tribunaes forneciam a arena. Os condemnados do mundo inteiro eram expedidos para o abastecimento do circo e o divertimento do povo.

Mas d'esta vez, á barbaria dos supplicios acresceu a dirisção.

*
* *

As victimas são destinadas para uma festa, á qual se dá indubitavelmente um caracter expiatorio.

No «divertimento da manhã» consagrado aos combates dos animaes, vê-se um desfilhar incrível. Os condemnados, cobertos com pelles de animaes bravios, são lançados para a arena, onde os fazem lacerar pelos cães: outros são crucificados, o outros, enfim, vestidos de tunicas enopadas de azeite ou de resina e atados a postes e reservados para a iluminação da festa da noite. Ao anoitecer, acenderam-se os archotes vivos.

Nero havia offerecido para este espectáculo os seus magnificos jardins da outra banda do Tibre e que occupavam o logar actual do Borgo e da praça da igreja de S. Pedro.

Ao clarão d'estes repugnantes fachos. Nero, que havia posto á moda as corridas da noite appareceu na arena, vestido de cocheiro, guiando o seu carro, e provocando applausos.

Quer matronas quer virgens, passavam por estes divertimentos horrorosos. Era um regalo e um regozijo as indignidades inqualificaveis porque ellas passavam. Não poucas christãs assim immoladas eram fracas de corpo; mas a turba infame só tinha olhos para as entranhas abertas e os seus peitos lacerados!

Não é possível dar aqui n'este curto artigo a descripção de tantas outras sortes de supplicios em uso. Que dizer do supplicio, das desgraçadas atadas nuas pelos cabellos ás pontas d'um toiro furioso, satisfazendo assim os olhares d'um novo feroz?

*
* *

Desde o dia em que Jesus Christo expirou sobre o Golgotha o dia da festa dos jardins de Nero (pouco mais ou menos em 1 d'agosto de 64) foi o mais solemne na historia do christianismo.

A solidez de qualquer construcção está na proporção da somma de virtude, de sacrificios, e de dedicação que se haja depositado nas suas bases.

A orgia de Nero foi o grande baptismo de sangue que designou Roma como a cidade dos Martyres, para representar um papel á parte na historia do christianismo e ser a segunda cidade santa.

J. C. de Faria e Castro.



CHRONICA

Minha tia Sophisca, quem chamo mãe segunda e por quem não era beijado ha oito annos, não olvidando através d'este tempo o amor materno com que por ella fui creado, convidou-me mil ou mais vezes por anno a que lhe fosse pedir a benção na sua casa do Pinhão. As minhas cartas que iam aquecer-lhe o peito; tiral-a da continua e triste abstracção, seccar-lhe por momentos as copiosas e sentidas lagrimas de saudade immorredoura pela memoria de meu tio José Garôpo, o «papagaio» e enfim, porque se cobria com o veio da vai-

dade deixaram pouco e pouco de produzir effeito, até que afinal se lhe tornaram aborrecidas.

No dia 3 do corrente almoçava com o meu amigo L., o *marcador de quadrilhas*, quando recebi uma carta que, pela direcção escripta no involucro, advinhei logo ser da minha tia.

Não foi engano; porém uma dôr aguda, como que uma punhalada, atravessou-me o peito. A carta terminava assim: — «Espero-te com teus primos amanhã, na estação; cazo me faltes, como tens feito, esqueço que és meu sobrinho.

Basta de promettimentos. Tua extremoza tia. Sophisca Philippe Coelho.

Ao romper d'alva do dia seguinte, acordei sobresaltado por uma salva de *morteiros*: era domingo e S. Miguel d'Ovar festejava-se na sua capella de 109 annos e que está situada no largo do seu nome.

Seriam 10 horas da manhã; o sol d'outubro bebia os orvalhos dos campos; os passaros terminavam o hymno do Creador e eu reclinado no peitoril da janella do meu compartimento, no comboyo, admirava a natureza e aspirava a pureza do ar.

Cahi nos braços da mãe Sophisca e por alguns minutos prolongou-se um silencio insondavel.

Enquanto ella me osculava sofredamente era abraçado pelos meus primos Dias e Santos.

Parei no lumiar da porta. As recordações infantis voaram-me á mente quando reparei no denegrido d'aquellas paredes no meio das quaes eu nasci.

Dirigi-me para a lareira onde nas geladas noites do Natal eu era aquecido não só pela fogueira como tambem pela intensa amizade da tia do Pinhão.

Não contive duas lagrimas; occultei-as aos olhos da proxima vizinha da morte e, esforçando-me por animar, propuz o almoço na formosa e bem situada «Quinta do Alvaro.»

«Era meio dia; a refeição matutina terminava na santa paz. Conhecedor dos sentimentos religiosos da minha tia, levantei-me e... rezei.

Ella, com um beijo, agradeceu-me o saber cumprir ainda as doutrinas que me havia ensinado; e disse-me que orava fervorosamente por mim para que não fizesse excepção aos seus antepassados, começando por sua falecida mãe, Joanna Sophista, que foi freira no convento de Nossa Senhora da Conceição, em Ermezinde.

Jantei no mesmo local. A's 6 horas da tarde escondia-se a luz do sol.

Pardejava já quando regresssei ao modesto casebre do meu nascimento, no logar da «Pipa.»

Contei á tia o meu espanto pelos primos; o Dias é um rapaz cheio d'attractivos, intelligente, humoristico nos seus ditos e *reinanderio*; o Santos assemelha-se aos cançados pelo peso dos annos, por ser *serio*; é d'uma delicadeza suprema; em nada inferior ao primeiro na intelligencia e um louco pela arte muzical.

Mereceu-me todavia uma sympathia franca e leal o Dias. Sim o Dias, o tenro na idade, mas velho nas experiencias.

*

Sorvi a tragos um novo e inesperado prazer.

Gosei trez dias, trez noites a que eu chamo trez horas!

Mas não disse tudo ainda: Na vespera da minha partida fui a um baile (coiza a que nunca assisti!)

Fui o ultimo a entrar e deparei como uma *ingrata* a unica que até hoje (conto já 10 annos!) me abriu o peito e me sondou o coração.

8 annos eram passados sem d'ella saber e, apesar dos meus olhares d'outr'ora jamais serem correspondidos, corri a abraçal-a.

Decepção fatal:—quando os meus braços se abriam fui repellido brutalmente. Córrei deversas e... sentei-me... Voltei ao estado alegre ao ver dançar com todos os predicados o Dias, e permaneci prostrado, quasi examine, ao ouvir os suspiros ternos que o Santos arrancava da rebeça, acompanhado do monotono gemer dos bordões do violão que eram feridos por um fidalgo da Casa do Corvo, o poeta R. da poezia «conservadora», e ainda mais pela doce voz de uma dama, cujo nome ignoro mas que reside no logar proximo d'ali—«a Marca».

No resto d'essa, para mim memoravel, noite, não dormi.

Rime-a bom rir, porque encontrei o Dias a dormir na horta e o Santos aquecendo-se á fornalha e a fazer tiros para no dia immediato ir á caça dos coelhos.

Gosta de dar tiros e não admira porque serviu trez annos na arma de artilheria!

A's 9 horas da manhã estava em caza.....

.....
Ai! ainda agora acordei?! Uma hora?...

Tive um sonho que traduzi como vëem.

Hoje não ha chronica porque não tive tempo.

Escrevi o que me recordou do sonho, tapei alguns buracos com phrases vindas das regiões phantasticas e nada mais.

O que, sem duvida, é verdade é que assiste a uma reunião na segunda-feira passada, fiz parte dos que jogavam as «prendas» e—seria uma hora... adormeci.

*

Hoje chronica... de grillo. Para domingo não falto. Até lá pois.

João Sincero.

Annuncios

CÃO PERDIDO

PERDEU-SE um cão, de raça lobeira, branco, com as orelhas cortadas, e malhado de amarello.

Quem o achar e o queira entregar recebe alviçaras, e, não fazendo isso, logo que se saiba onde está, procede-se judicialmente contra quem o tiver.

Silverio Lopes Bastos

OVAR

AGENCIA FUNERAIAIAR

Rua da Graça — OVAR

SILVERIO LOPES BASTOS, acaba de estabelecer uma agencia funeraria pelo systema do Porto, tendo todos os aprestos para funeraes os mais modernos e mais economicos que até hoje se tem inventado; n'esta casa encontrarão os snrs. doridos caixões já armados desde o mais barato até ao mais rico que se póde fazer; habitos desde o mais fina seda até ao mais baixa algodão; corôas de flores artificiaes, de perolas e de zinco, desde o melhor ao mais barato, fitas de seda desde a mais larga á mais estreita, guarnições douradas, artigos de cartonagem e palheta, sedas lisas e lavradas e enfim um lindo e variado sortido de objectos proprios para funeraes.

Poderão pois os snrs. doridos apresentar as suas ordens n'este casa e duas horas depois terão o caixão, habito e tudo o que necessitarem sem o mais leve incommodo, tendo para isso pessoa competentemente habilitado.

PREÇOS RESUMIDOS

LEI DO RECRUTAMENTO

APPROVADA POR

Carta de lei de 12 de setembro de 1887

Seguida das alterações decretadas em 23 de julho de 1891

Preço 40 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio

A' Livraria—Cruz Coutinho—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18, e 20—PORTO.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Auctor dos romances: As Doidas em Paris, Mysterios de uma Herança, O Fiacre n.º 13, A Mulher do Saltibanco, Crimes de uma Associação Secreta, As Mulheres de Bronze, Os Milhões do Criminoso, Dramas do Casamento, e outros.

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

4 volumes illustrados com chromos e gravuras a 450 réis por assignatura 1\$800 réis. Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a todos os assignantes. Vista geral da Avenida da Liberdade segunda edição com bastantes modificações mede 60 por 73 centímetros, impressão feita a 16 côres valor 500 réis.

Os srs. assignates que enviarem já directamente aos editores a quantia de 1\$800 réis (sem abatimento), receberão na volta do correio a vista da Avenida da Liberdade e semanalmente as cadernetas tambem pelo correio tanpara Lisboa como para as provincias.

EDITORES—BELEM & C. 26, Rua do Marechal Saldanha 26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA
OS
Companheiros do punhal
POR
L. STAPLEAUX

Romancedramatico da maior sensação
ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao preço de 60 réis.

Brindes de valor a todos as assignaturas e angariadores de assignaturas, entre outros: um anel para senhora, um serviço de almoço (China) para 2 pessoas, um cörte de vestido, um relógio de prata, um relógio de ouro para senhora, um pardessus, um centro de mesa, etc., etc., e

**Um cheque á vista,
de 2 libras**

Ninguém deixe de lêr o prospecto em distribuição.

Publicada a 1.ª caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da Empreza editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se dirigirão os pedidos.

Peça-se o prospecto illustrado e 1.ª caderneta.

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSE NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Major de Infantaria

e ex-professor do Lyceu Central do Porto

POR O

Magalhães & Moniz—Editores

OS MYSTERIOS DO PORTO

POR

GERVAZIO LOBAÑO

Romance de grande sensação, illustrado com magnificas phototypias.

Condições de assignatura

No Porto e em Lisboa distribuir-se-ha semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma phototypia, pelo modico preço de 60 réis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Para as provincias, a remessa será feita quinzenalmente, com inexcédível regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, pelo diminuto preço de 120 réis cada fasciculo franco de porte, pago adiantadamente.

Para fóra do Porto e Lisboa não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas de 25 réis, vales do correio ou ordens de facil cobrança.

Recebem-se assignaturas na livraria da Empreza Litteraria e Typographica, editora, rua de D. Pedro, 184 Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Agente em Ovar—Silva Cerqueira.

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra.

Grande vista de Lisboa, em chromo, tirada do Tejo, à vol d'oiseau. Representa com a maior fidelidade a magestosa Praça do Commercio, em todo o seu conjunto as ruas Augusta, do Ouro e da Prata, Praça de D. Pedro IV, theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em extensão 72 por 60 centímetros e é incontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje tem apparecido.

MANUAL

DO

PROCESSO ADMINISTRATIVO

Comprehendendo a forma do processo de todas as especies da competencia dos tribuaes administrativos districtaes, desde a sua origem nas diversas repartições, com todos os modelos e formas que lhe são concernentes.

pelo

DR. AUGUSTO CESAR DE SA

JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Este livro, unico até hoje escripto sobre processo administrativo, e da maior utilidade não só aos que lidam no foro, mas até mesmo ás corporações administrativas e administrações do concelho, publica-se por entregas de fasciculos de 32 paginas, Preço de cada fasciculo, 120 réis.

Póde ser requisitado a Raul de Sá—Editor do MANUAL DO PROCESSO ADMINISTRATIVO—VILLA REAL.

VIDA

DE

LORD BYRON

POR

EMILIO CASTELLAR

VERSÃO DE

FERNANDES REIS

2.ª EDIÇÃO

Com os retratos de Emilio Castellar e de Lord Byron.

1 vol. br. 500 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio.

A' Livraria—Cruz Coutinho, —Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

DRAMAS DO CASAMENTO

POR

XAVIER DE MONTEPIN

VERSÃO

DE

Julio de Magalhães

volumes illustrados com chromos e gravuras

a 450 réis por assignatura

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, **50 REIS**

A distribuição começará em 3 de maio proximo.

Brinde a todos os assignantes EDITORES BELEM & C.ª 26, Rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA.

Gazeta dos tribuaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordões de diversos tribuaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fór promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não puder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes) 1\$200
Por duas series (um anno) 2\$400

Não se acceptam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

Pelos paquetes de primeira ordem **dão-se passagens gratuitas** a individuos solteiros, homens ou mulheres, que tenham mais de 17 e menos de 51 annos de idade, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o Rio de Janeiro e S. Paulo.

Os passageiros que embarcarem n'estas condições não contrahem divida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

EM OVAR

Serafim Antunes da Silva

Rua da Praça

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da Africa Portugueza, por paquetes portuguezes de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridos com rigorosa promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros pelos portos de França e Hespanha.

NOVO

DICCIONARIO UNIVERSAL

PORTUGUEZ

Linguistico, scientifico, biographico, historico, bibliographico, geographico a mythologico etc.

COMPILADO

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

EDITORES E PROPRIETARIOS

TAVARES CARDOZO & IRMAO

Largo de Camões 5 e 6

LISBOA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

O NOVO DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ contem 2:424 paginas, divididas por dois volumes.

A distribuição será feita em entregas de 96 paginas, tres vezes em cada mez.

Podemos garantir a regularidade da publicação, visto a obra estar completa, toda esteotypada e muitas folhas já impressas.

Os senhores assignantes não correm pois o perigo de ficarem com uma obra incompleta, como tantas vezes acontece.

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em domicilio. Nas demais terras do reino a expedição faz-se pelo correio, recebendo-se anticipadamente o importe de qualquer numero de entregas. O preço de cada entrega é de 120 réis.

Fechada a assignatura o preço será augmentado com mais 20 por cento.

Toda a correspondencia dirigida aos editores e proprietarios Tavares Cardozo & Irmão, Largo de Camões—Lisboa.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODA PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.º de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis 4\$000—6 mezes 2\$100 rs.—Numero av lso rs. 200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENELOUX, SUCCESSORES—PORTO.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços **muito reduzidos** para todos aquellos portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Pelos paquetes a sahir de Lisboa todas as semanas, **dão-se passagens gratuitas** a familias de trabalhadores ou lavradores, compostas de marido, mulher, avó ou avó com seus filhos, genros, netos ou enteados, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o Rio de Janeiro e S. Paulo.



EM AVEIRO

a Manuel J. Soares dos Reis

19—Rua dos Mercadores—23.